

PROTAGONISMO SURDO E QUESTÕES LGBTQIA+: PROJETO EM EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE

LUAR FAGUNDES¹; MADALENA KLEIN²

¹Universidade Federal de Pelotas – luarfagundesdasilva@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – kleinmada@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um breve recorte das análises de uma pesquisa de mestrado¹ desenvolvida entre os anos de 2022 a 2024 na Universidade Federal de Pelotas - UFPel, mais especificamente, no Programa de Pós Graduação em Educação - PPGE. Esta buscou conhecer, descrever e analisar dois projetos que se configuram como práticas de Educação para a Sexualidade em espaços escolares, em duas escolas bilíngues de surdos do estado do Rio Grande do Sul. O trabalho fundamentou-se, principalmente, na interlocução do campo da educação de surdos, dos estudos de gênero e dos cotidianos.

Para essa pesquisa, compreendida no campo dos estudos de gênero, a Educação para Sexualidade definiu-se como práticas que buscam desafiar discursos que são comumente aceitos na cultura, promovendo o questionamento de certezas e abrindo caminho para novas formas de refletir sobre a sexualidade. Além disso,

articula questões que envolvem a materialidade biológica dos sujeitos a aspectos sociais, históricos e culturais como, por exemplo, desejo, prazer, curiosidade, respeito, conhecimento de si e do outro, relações de gênero, entre outros (Rizza, 2013, p. 5).

Assim, a Educação para Sexualidade, quando pensada para, nos e com os espaços escolares, não se limita às questões definidas pela BNCC (2018), por exemplo. No principal documento normativo da educação básica, falar sobre gêneros e sexualidades não possui o caráter amplo como a Educação para Sexualidade pôde ser compreendida. Nele, falar sobre métodos contraceptivos, processos reprodutivos, puberdade, ISTs, entre outras habilidades a serem desenvolvidas no 8º ano do Ensino Fundamental, parecem suficientes a contemplar toda complexidade do exercício da sexualidade e das diferenças.

As escolas bilíngues de surdos, espaços pensados para e com a escolarização da comunidade surda, não escapam das temáticas que cerceiam a sexualidade e os gêneros. Em sua essência, elas possuem em comum a característica da surdez e da valorização da língua de sinais, porém, não apenas isso pois, como pontuam Klein e Lunardi (2006), ali permeia a condição de ser surdo “como um território de lutas, um espaço de conflitos de identidades, onde os elementos culturais circulam pelas fissuras e rachaduras dessa comunidade, conformando um labirinto de significados” (Klein; Lunardi, 2006, p. 15).

Percebemos um movimento em que as comunidades surdas reivindicam a concepção do “ser surdo”. A língua de sinais é sim um importante marcador de identidade cultural, principalmente se tratando da luta das pessoas surdas pelo reconhecimento e valorização da mesma. Quadros (2004) define a cultura surda

¹ Pesquisa realizada com o apoio da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

[...] como a identidade cultural de um grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros grupos. Essa cultura é multifacetada, mas apresenta características que são específicas, ela é visual, ela traduz-se de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes (Quadros, 2004, p. 10).

Porém, isso não significa que as pessoas surdas não construam também outras formas de pertencimentos culturais e identitários para além do ser surdo e usar língua de sinais.

Considerando tais compreensões, para esse trabalho apresentaremos as análises e discussões das produções da pesquisa mencionada, mais especificamente sobre a temática “protagonismo surdo”.

2. METODOLOGIA

Inspirada no livro *“Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?”* (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018), a produção dos dados se deu na forma de conversas, justamente pelas proximidades estabelecidas previamente com as pessoas participantes da pesquisa, pois, ao pensar a conversa como metodologia de pesquisa, nos propomos a focar no ordinário, na riqueza do próprio processo da pesquisa, na qualidade da troca nas interações, nas potencialidades de ação que vislumbraremos e não apenas nos resultados.

Para conhecer os mencionados projetos que aconteceram em duas escolas bilíngues de surdos do Rio Grande do Sul, contatamos diretamente com as duas pessoas que nos relataram sobre eles. Para esse resumo expandido, traremos as produções realizadas com a coordenadora pedagógica Dil, profissional que desejou não ser identificada na pesquisa e que participou da organização da atividade realizada na escola.

Por meio de conversas que foram gravadas, transcritas, revisadas e analisadas, foi possível conhecer o projeto: o que o motivou, como foi realizado, entre outros aspectos. O nome da escola não foi divulgado e, por isso, recebeu um apelido que faz referência à pessoa diretamente ligada à sua fundação. Assim, aqui traremos os conhecimentos sobre a atividade desenvolvida na Escola Carmen. A conversa com Dil possibilitou que conhecêssemos ainda mais o projeto que ocorreu na escola em que ela trabalha como coordenadora pedagógica. Este projeto, motivado e organizado a partir de interesse de dois alunos surdos e uma aluna surda, os três adolescentes, objetivou abordar questões sobre a sexualidade e também falar sobre LGBTQIA+.

Ao conhecer esse projeto, analisando as transcrições da conversa, surgiram categorias de análise e uma delas foi o protagonismo surdo, que foi a temática escolhida a ser abordada nesse texto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Emergindo a partir dos relatos de Dil, quando os/as alunos/as da escola desejam e organizam o projeto, ambos movimentos impulsionaram o que compreendemos por protagonismo surdo. Na conversa, Dil menciona:

*[...] não foi a gente que impôs [...] eles chegaram e disseram para a professora que eles tinham **vontade de pesquisar** e fazer uma palestra para os colegas (Excerto da conversa com Dil, 04:31’).*

O projeto foi organizado por dois alunos e uma aluna, ou seja, três alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Esses três alunos/a, durante a organização dessa palestra, utilizaram da pesquisa na internet para construir sua apresentação, que foi orientada por suas professoras e que tomaram os devidos cuidados para que a palestra tivesse o cunho pedagógico, informativo e responsável que desejavam. Impulsionar tal atividade em sua escola, falar sobre a temática que está ali, pulsando no cotidianos da escola, falar sobre pessoas que se compreendem enquanto LGBTQIA+, reflete a necessidade de falar sobre si, falar e demandar seus direitos dentro da Escola Bilíngue de Surdos, da comunidade surda e da educação de surdos.

A Comunidade Surda não só reivindica o direito de acessibilidade em Libras através de Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais, mas, também, o protagonismo. Querem ocupar esses espaços como personagens ativos e históricos desse processo, especialmente, no ativismo *queer* e dentro do Movimento LGBTI+, pois não existem muitos relatos e registros de pessoas com deficiência e visibilidade dentro do movimento. No entanto, sabemos do processo histórico a que todos esses corpos degenerados – pessoas homossexuais, deficientes, pervertidas e de todos os tipos de desvios – foram profundamente submetidas: a eugenia, a higienização e o isolamento social. Mas, o capacitismo proliferou-se fortemente em todos as áreas sociais, inclusive, nos espaços considerados mefíticos (Vieira, 2023, p. 200).

Quão simbólica e significativa tornou-se tal palestra desses/a alunos/a junto aos colegas e o quanto podemos relacioná-la ao crescente protagonismo surdo na militância surda LGBTQIA+, principalmente partindo das juventudes.

4. CONCLUSÕES

O referencial teórico dessa pesquisa deu-nos a necessária sustentação para que pudéssemos falar sobre as categorias que surgiram após conversamos com Dil. Destas, e mais especificamente, a categoria protagonismo surdo, provocaram reflexões e olhares no que tange a educação bilíngue de surdos e a Educação para Sexualidade. Como Vieira (2023) afirma,

muito tem se discutido e estranhado esse espaço escolar que, tradicionalmente, demonstra ser apenas um lugar que possibilita o acesso para a aquisição da língua e a formação identitária surda. Entretanto, não é de hoje que essas discussões têm provocado rupturas na comunidade e, consequentemente, no ambiente escolar (Vieira, 2023, p. 143-144).

Rupturas estas apresentam-se quando alunos/as da Escola Carmen, incomodados/as com ações preconceituosas de seus colegas, decidem, através de um projeto pedagógico, falar sobre suas diferenças para além da surdez. Organizam e trazem aspectos cruciais da militância e das lutas de pessoas dissidentes, nesse caso, da comunidade LGBTQIA+, como assim nomeiam. Em específico ao projeto, foi possível apontar para a interculturalidade presente nessa militância, em razão de que esses/as alunos/as surdos/as, para além de lutarem por seus direitos enquanto pessoas surdas, levantam uma bandeira de conscientização frente às questões LGBTQIA+, como contribui Collins e Bilge (2021):

É urgente que a comunidade surda busque refletir a necessidade e a magnitude de incluir e “reivindicar a interconectividade de raça, classe, gênero e sexualidade em suas experiências cotidianas, bem como a importância dessa análise interseccional para suas aspirações políticas (Collins; Bilge, 2021, p. 97).

Conhecer e discutir sobre o projeto que aconteceu nesta escola, nos indicara o potencial que esse espaço tem de contribuir com a Educação Bilíngue de Surdos e nas discussões sobre as práticas de Educação para Sexualidade nas escolas. Percebemos as potencialidades de a escola ser pensada e vista como um espaço potente de transformação social, que valoriza as diferenças, que fale sobre gêneros e sexualidades, entre outras questões.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021. Acessado em 10 out. 2024. Online. Disponível em: http://www.ser.puc-rio.br/2_COLLINS.pdf.

KLEIN, Madalena; LUNARDI, Márcia Lise. Surdez: um território de fronteiras. **ETD**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 14-23, mar. 2006. Acessado em 08 out. 2024. Online. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-25922006000000004&lng=pt&nrm=iso.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua de sinais brasileira e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial/Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. (orgs.) **Conversa como metodologia de pesquisas: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. 216 f. p. 11-37.

RIZZA, J. L.. Educação sexual, orientação sexual e educação para a sexualidade. **Revista Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 1, n. 1, p. 4-5, 2013. Acessado em 07 out. 2024. Online. Disponível em: <https://sexualidadeescola.furg.br/phocadownload/revista%20sexualidade%20e%20educacao%201%20site.pdf>.

VIEIRA, J. F. D. **Sou Surdo(a), sou LGBTI+ e agora? Relações de poder e as interseccionalidades na Comunidade Surda**. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas. Acessado em 09 out. 2024. Online. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14304090.